

**Notas e informações**

# As duas faces do mesmo erro

Sexta-feira, em sua injeção semanal de otimismo pelas ondas do éter no programa radiofônico *Conversa ao Pé do Rádio*, o presidente José Sarney garantiu que "estamos vencendo aquilo que os pessimistas chamam de crise". Passados sábado e domingo em seu sítio de São José de Pericumã, o mesmo político, com o mesmo sotaque maranhense e sem mudar nem o estilo, alterou subitamente o tom e, na segunda-feira, perante uma seleta platéia de estagiários da Escola Superior de Guerra, no Palácio do Planalto, traçou o perfil de um Estado perto da exaustão e da "penúria total".

Na platéia dos dois discursos, a nação brasileira, perplexa, sabe que não pode levar a sério o dr. Pangloss, que vive anunciando a três por quatro o encerramento do ciclo da crise, mas também não está absolutamente correto ao destilar o fel típico do filósofo do pessimismo, Arthur Schopenhauer. Na verdade, um e outro têm aparentemente a cabeça de duas faces do deus romano Janus, mas na verdade ambos revelam o caráter ciclotímico que tem paralisado as iniciativas políticas e econômicas do Brasil. O presidente, como o brasileiro em geral, oscila perigosamente entre a euforia, que pode vir a ser um sinal de irresponsabilidade, e a depressão, perigosa introdução à inércia. Entre a farra das comemorações exageradas e a dolorida ressaca do *day after*, o brasileiro foi levado a valorizar em excesso as ilusões do Plano Cruzado, para depois enterrá-las peremptoriamente, no melhor exemplo dessa perigosa ciclotímia, em que a sociedade inteira se transforma numa escrava de efêmeros estados de ânimo.

As lentes do dr. Pangloss não são capazes de deformar a realidade, por mais força que tenha o presidente da República no Brasil. Pretender que, com palavras,

Sarney ponha fim à crise, vivida pela população, é levar a sério aquela proposta da piada, segundo a qual um especialista experimentou a colocação de óculos *ray ban* em animais domésticos no Nordeste para resolver a fome, pois, assim, eles comeriam gravetos secos pensando que fossem capim verde. A crise não acabou e a população sabe disso quando vai à feira, quando pára num posto de gasolina para abastecer seu automóvel ou quando comparece a uma agência bancária para resgatar a mensalidade das escolas de seus filhos. O poder presidencial não basta para acabar essa crise com um discurso otimista pelo rádio.

Mas, se o Sarney travestido de dr. Pangloss não é convincente, porque a realidade o desmente, sua face pessimista de seguidor de Schopenhauer não pode merecer maior sucesso. Os assessores presidenciais, no Palácio do Planalto, justificaram anteontem a mudança de tom de Sarney pela diferença das platéias. Segundo tais assessores, o programa de rádio foi criado para inocular otimismo na sociedade, mas o presidente tem de ser mais realista quando se dirige, por exemplo, a empresários. A visão palaciana seria cômica se não fosse trágica: o Planalto demonstra, com a distinção que pretende promover entre empresários e ouvintes de rádio ou entre estagiários da ESG e o povo brasileiro, encarar a Nação como se ela fosse um conjunto de indivíduos incapazes de raciocinar, de agir e até de viver, condenados eternamente ao jugo de uma elite, que seria formada ora pelos empresários ora pelos estagiários da ESG. Evidentemente — isso pode até assustar os áulicos planaltinos — essa pretensão está muito distante da realidade.

O presidente não pode tentar mudar a realidade com belas frases pelo rádio nem também pretender modificar o estado de

ânimo das elites com choques explícitos de pessimismo schopenhaueriano. Em seu discurso aos estagiários da ESG, Sarney atribui a crise brasileira a "uma penúria de recursos total, que faz com que o Estado seja um tomador de recursos emprestados, lançando títulos no mercado, com suas repercussões. E essas repercussões são aumento da taxa de juros, aumento do endividamento interno e ao mesmo tempo ausência total de recursos para qualquer tipo de investimento".

Da mesma forma que a face dr. Pangloss, o rosto Schopenhauer do presidente da República encerra uma perigosa falácia. Se é uma ilusão pensar que a crise acabou, muito menos verdadeiro é que tal crise decorra de uma súbita impotência do Estado brasileiro. Muito pelo contrário, a crise econômica, pela qual a sociedade toda paga um preço altíssimo, resulta não da penúria de um Estado impotente, mas do excesso de desperdícios de um Estado poderoso demais. O Estado brasileiro é incompetente, ineficiente e incapaz não porque a sociedade lhe roube investimento e ânimo, mas pela volúpia com que suga o sangue e o suor da sociedade devolvendo-lhe apenas migalhas esmagadas como se fossem bagoço. Daí decorrem endividamento, inflação, taxa alta de juros e outros sintomas da doença econômica nacional e não de uma depauperação estatal, que existe, é verdade, mas em decorrência de sua própria voracidade.

Na Presidência da República, o cidadão José Sarney tem uma obrigação a cumprir junto à nação brasileira: a de tornar o Estado mais ágil, mais enxuto e menos pesado, receitando-lhe uma dieta dura e exemplar. Essa tarefa deve ser cumprida de forma transparente. Ou seja: todos os cidadãos brasileiros têm direito a tomar conhecimento da realidade dos fatos, sem explosões súbitas de euforia ou desânimo.